



Tema:
**"OS DESAFIOS DA INTERNACIONALIZAÇÃO
NA UNIMEP"**



11º UNICULT - VII Concurso de Contos e Crônicas

CIDADE DOS INVISÍVEIS

Autor(es)

RUANNA LUZ BARBOZA DE OLIVEIRA

Contos / Cricas

Olhou-se no espelho e ajeitou novamente os cabelos ralos e grisalhos, tentando inutilmente tampar o buraco no topo da cabeça. As mãos, já castigadas pelo tempo, tremiam levemente ao segurar o fino pente laranja. Encarou a imagem refletida no espelho e perguntou-se, pela milésima vez aquele dia, por que diabos ainda fazia aquilo.

A porta da cozinha rangeu quando passou por ela, minutos mais tarde, em direção à rua. Não se preocupou em trancá-la – ninguém nunca a encontrava ali, nem mesmo para vender doces.

Lá fora, apenas mais um dia comum para um senhor da sua idade. Ruas movimentadas, pessoas correndo de um lado para o outro. Nas filas e nos ônibus, sempre ficava em pé. Seu nome havia sido apagado dos bancos de emprego da cidade. Postos de saúde, ah, que tortura! Eram raras as pessoas que o viam e quase nenhuma delas trabalhava em hospitais públicos. Seus ombros estavam cansados de levarem esbarrões, sem ouvir ao menos um pedido de desculpas. Vagava sozinho, esquecido.

Ele era invisível.

Era assim que funcionava para todos os cidadãos daquela cidade. A vida era normal, até o primeiro fio de cabelo branco: o corpo tornava-se, aos poucos, translúcido e frágil, até que ninguém mais conseguia vê-lo – a não ser a própria pessoa. Quando nem ela podia se ver, aí sim, era um grande problema.

Pouquíssimas pessoas nasciam com o dom de enxergar os invisíveis. Em sua maioria, eram crianças, que logo perdiam a capacidade ao tornarem-se adolescentes. Mais raros ainda eram aqueles que não ficavam invisíveis depois da tão amaldiçoada idade. Mas ele não sabia como aquilo tudo funcionava – ninguém nunca havia tido tempo para explicar.

Não, ele não tinha mais um nome. Perdeu-o quando a cor de seus cabelos mudou e quando a força das mãos fugiu. Não tinha necessidade dele, já que ninguém o chamava.

Sentou-se no banquinho de sempre, na praça de sempre, no horário de sempre. Sim, ele se dava o luxo de ter manias. De certa maneira, aquilo o divertia.

Um homem engravatado sentou-se ao seu lado, fazendo-o dar um pulo, tamanho fora o susto. Há quanto tempo aquilo não acontecia? – mas duvidou que o homem engravatado pudesse vê-lo ou tivesse feito aquilo intencionalmente, pois segundos depois mergulhou atrás da página de esportes do jornal.

Futebol. Algo em comum entre aqueles dois estranhos incomunicáveis no banco de uma praça qualquer. Ele também gostava de futebol. Antes que pudesse pensar no que estava prestes a fazer, o fez: pôs-se a falar dos dias magníficos do futebol da época de sua infância e juventude. As memórias vinham com uma força brutal. Eram lindas, mas doíam fundo onde ainda batia um coração.

Cedo demais, o homem engravatado levantou-se, com cara de poucos amigos. Nosso protagonista não sabia exatamente o que havia acontecido, mas podia imaginar: o homem engravatado incomodara-se com o barulho que atrapalhava sua leitura. Não importava quem ele era ou que dizia, o barulho sempre era incômodo e perturbador.

Novamente, pela milésima primeira vez aquele dia, perguntou-se por que diabos ainda fazia aquilo.

Nada mudou no outro dia. Nem no próximo. Ou no dia seguinte. Nada mudava para aqueles que não podiam ser vistos por ninguém. Mas todos os dias, sem exceções, lá estava ele: sentado no mesmo banco, na mesma praça, no mesmo horário. Aguardando por algo, talvez? Não sabia. Só sabia que o dia em que não estava ali, era um dia perdido.

Achava-se no lugar de sempre quando um garoto sentou-se ao seu lado, como havia feito o homem engravatado. Ele não se assustou dessa vez. Apenas imaginou que o pequeno garoto sentara-se para amarrar os cadarços do tênis e logo sairia dali – assim como fizera o homem engravatado. Também não puxou conversa, nem sobre futebol, nem sobre como os sapatos da sua infância e juventude tinham um material melhor que o da mocidade. Oh, não, dessa vez ele atuaria como fora ensinado: em silêncio, sem atrapalhar

ninguém, fingindo que não existia: como o perfeito homem invisível que era.

Mas o garoto não foi embora. Ao contrário, olhou em seus olhos e perguntou seu nome. Esse, sim, foi o grande susto que o fez pular, derrubar sua bengala e quase cair do banco onde se encontrava.

Inseguro, olhou para os lados, para trás e embaixo do banco. Não havia mais ninguém ali. O garotinho ria, divertindo-se com a situação. Perguntou novamente o nome do homem, confirmando que estava, sim, falando diretamente com ele.

Mas ele não sabia. Perdera o nome há muito, muito tempo – tanto tempo quanto fora necessário para perder todos os fios pretos da cabeça e também começar a perder os brancos.

– Então vou chamá-lo de André. Avô André. – disse o garotinho. E sorriu.

Se o dom de enxergar um invisível era raro, sorrir verdadeiramente para um deles era quase divino.

E como tudo que é divino nesse mundo pede um milagre, com Avô André não foi diferente: ele também sorriu. Um pouco envergonhado, enferrujado, sem saber direito se fazia do jeito certo – mas era um sorriso sincero, desses que a gente só dá quando realmente gosta de alguma coisa.

O garotinho perguntou sua idade. Ah, isso ele também não sabia. Parou de contar quando percebeu que desaparecia aos poucos. Agora ele era apenas um número – um dos invisíveis que habitava uma cidade cada vez mais cheia de invisíveis.

Onde ele morava? O garotinho queria saber de tudo. Naquela rua, atrás daquela velha estação de trens abandonada, virando aquela esquina de tijolos amarelos na calçada. A casa azul! O garotinho a conhecia, já tinha visto! Havia até derrubado uma pipa naquele telhado sujo, mas nunca conseguiu recuperá-la. Nenhum dos seus amigos havia ajudado a subir no muro, pois nenhum deles enxergava a casa.

Cedo demais, o garotinho levantou-se, com cara de quem tinha conquistado todos os amigos do mundo. Despediu-se de seu mais novo amigo e prometeu voltar no dia seguinte.

Mais tarde, quando Avô André entrou pela porta da cozinha, estranhamente ela não rangeu – mas Avô André não notou. Correu direto para o espelho e olhou o rosto que mal reconhecia. O que era aquele sorriso que não lhe saía da cara? Seria ele sintoma de ter novamente um nome?

Avô André não percebeu imediatamente, mas suas mãos pareciam mais firmes aquele dia.

No dia seguinte, na mesma praça, no mesmo banco – mas não no mesmo horário. Avô André havia chegado alguns minutos mais cedo. Curiosamente, o garotinho também.

Como ele o havia visto? Avô André queria saber.

– Moro com dois invisíveis. – respondeu o garotinho. Havia aprendido a enxergá-los desde a primeira vez que se entendera por gente. Sentia pelas outras pessoas que não podiam vê-los. Eram fascinantes. Tantas histórias, tantas memórias, tantas lembranças!

Ah, na mocidade de Avô André... Na sua mocidade tudo era diferente. Os invisíveis eram reis.

– É verdade! – ele afirmou, quando os olhos do menino brilharam de admiração. Grandes reis, com grandes coroas e grandes poderes. Nada de armas, nada de ouro. O poder vinha das palavras, da experiência. Eram tão respeitados! Quanto mais velha a pessoa, mais ela brilhava e mais visível se tornava. *Nasciam invisíveis!*, ele disse.

Ah, os velhos tempos... Todas as memórias que sempre doíam – e continuavam doendo, não se engane – voltaram numa enxurrada. Aquela casa de paredes amarelas da vila, a única que tinha uma televisão. Era grande a festa quando os garotos se reuniam, à tardezinha, para assistir aqueles desenhos animados de corridas e heróis, e ouvir as histórias de caubói do velho morador da casa. A esposa, sempre acolhedora e com um balde de bolinhos de chuva. E, às vezes, até mesmo chuva.

Depois um bom futebol, ou um mergulho no rio. Será que o menino sabia o que era cipó? Não, não sabia. Pois deveria. Comer manga do pé, correr da espingarda do vizinho, pedir a benção dos pais. Ninguém desejava mais que Avô André que aquele tempo voltasse. A nostalgia doía fundo.

Avô André não percebeu, mas seus sapatos estavam mais pretos aquele dia.

Nos dias seguintes, a mesma rotina mantinha-se, porém com um novo objetivo: passar o tempo com o garotinho que o ensinara a sorrir. Até que algo estranho aconteceu num daqueles dias. Seus ombros, acostumados com esbarrões sem nem ao menos um pedido de desculpas, assustaram-se quando o pedido veio.

– Desculpe. – disse a mulher apressada.

Simplesmente.

Não importava que ela tivesse saído correndo novamente, falando ao telefone. Não importava que ela tivesse sido a única a pedir desculpas aquele dia. Seu toque carinhoso no braço de Avô André e os dois segundos em que o encarara foram suficientes para que ele se sentisse não tão invisível assim.

Queria ser invisível um dia, disse o garotinho. Avô André assustou-se. Por que alguém desejaria isso? Ora, tinha um motivo muito simples. O garoto poderia ter todas as pipas que quisesse, se fosse invisível. Ninguém saberia a origem delas quando as olhassem flutuando sozinhas no céu. Seria mágico, ele disse, ver as pessoas assustadas com elas quando somente ele conheceria a verdade. Mágico para um, porém inocente demais para outro.

O homem engravatado passou por ali naquele dia. Avô André baixou os olhos, automaticamente – mas o menino não. Cumprimentou o homem engravatado, que devolveu o cumprimento e perguntou como eles estavam.

Eles. No plural. Não importava que o homem tivesse saído correndo novamente, com a cara enfiada na página de esportes do jornal. Ele tinha percebido Avô André, sentado no banco, com cara de espanto.

O garotinho riu da cara assustada de Avô André. E ele riu também. Os dois riram durante longos minutos, sem saber exatamente o motivo. Era mais gostoso assim, o menino havia dito.

– É mágica? – Avô André quis saber. Agora o enxergavam. Acreditem se quiserem, deram até um lugar para que ele se sentasse no ônibus aquela manhã. Não sabia que a invisibilidade podia ser revertida. Mas o garotinho também não sabia de nada.

– Talvez você seja mágico – ele sugeriu. – Mas só saiba disso agora.

Avô André considerou a ideia. E de repente percebeu que nunca havia perguntado o nome do garotinho.

– André. – ele respondeu. E sorriu. O sorriso mais verdadeiro que Avô André havia visto em anos.

E naquele momento ele finalmente entendeu por que as pessoas ficavam invisíveis. Sorriu também, porque percebeu que nunca mais seria invisível novamente.